

DERRIDA E A DIFFÉRANCE

Aluno: Daniel Jablonski

Orientador: Paulo Cesar Duque-Estrada

Introdução

Em sua análise do conceito de signo na obra de Saussure, Derrida é levado a falar em *différance* (com ‘a’ no lugar de ‘e’), neologismo extraído da palavra francesa ‘*différence*’ (semelhança fonética e alteridade gráfica); o ‘a’ deve, segundo ele, dizer mais do que o ‘e’: deve adicionar, ao sentido grego da palavra, o latino, mas não somente no sentido de atribuir-lhe um caráter polissêmico; deve trazer a diferença a seu lugar devido na linguagem, à radicalidade de seu sentido. Mas diferença com ‘e’ não pode e nunca pôde, apesar das tentativas da lingüística moderna, realmente significar por si, definir o “o que” da linguagem, pois, enquanto conceito, dependeu sempre de uma determinação estranha à “natureza” da linguagem, da instância do “signo”. Pois a diferença sempre foi pensada como derivada de uma presença, como diferença específica entre presenças, entre coisas, entes ou conceitos. Encontramos com Derrida, uma incoerência incontornável entre o caráter diferencial da linguagem e a sua unidade central, o signo. E se este se vê obrigado a extrapolar a diferença (com ‘e’) com seu inaudito ‘a’, não é contra a diferença ou uma definição identitária (não-diferencial) de linguagem, mas em seu favor; isto é, justamente porque compreende que Saussure encontrou o bom caminho, mas não foi radical o suficiente ao guardar o conceito de signo, é que é necessário falar em *différance*—que não é nem uma palavra, nem um nome, unidades mínimas definidas ainda sob a autoridade do signo como unidade primordial da linguagem. A questão que se coloca é: como se dá, através da *différance*, esse choque, esse abalo do conceito-chave (o signo) de uma lingüística definida justamente pelo conceito de diferença (com e)? Em resumo: como o ‘a’ pode ir além do ‘e’?

Objetivos

Pretendeu-se, de início, explorar a obra de Jacques Derrida, um dos mais influentes pensadores do século XX. A abordagem escolhida foi o conceito de *différance*, que opera na área da filosofia da linguagem (mas não somente). Embora não tenha sido tratado diretamente em muitos textos, este conceito permeia a vasta obra do filósofo. Alguns textos “centrais” para o tema como o homônimo “*la différence*” serviriam de abertura para outras obras, mais densas e sistemáticas, como a *Gramatologia*. Procuraríamos observar então quais as implicações imediatas do conceito na análise lingüística, e no contexto da filosofia da linguagem e algumas de suas importantes problemáticas. Esperava-se ir de encontro a referências explícitas de Derrida, na lingüística, Saussure, e na filosofia clássica, Husserl, Heidegger, Lévinas, também, mas não somente no contexto da linguagem, pois para essa última tradição a linguagem aparece como “expressão” de um sentido metafísico a determinar sob que formas e nomes em cada pensamento.

Conclusões

A *différance* (com a) deve significar diferencialidade anterior à toda diferença determinada. À toda diferença com ‘e’, à toda presença.

E chegou-se até ela através de um questionamento do conceito de signo que não pretendeu simplesmente *apagar* a diferença entre significado e significante, mas trazer à luz tudo que essa diferença específica supõe, toda filiação com a história da filosofia (da

presença, *parousia*) e da a teologia. Em suma, questionar o signo é questionar os seus pressupostos e o que resta sistemática e genealógicamente determinado [no conceito de signo] por essa história. E é para mostrar que o paralelismo aparente entre as “faces” do signo, não é de modo algum nivelado, que a tese da *simetria* sempre de algum modo supõe um desequilíbrio pra o lado do significado (sob o registro do qual se construiu o conceito de diferença, como diferença entre significados em si mesmos), reduzindo a semiótica à técnica auxiliar, exterior, a serviço de um saber metafísico, que sob o motivo da diferença ou do jogo das diferenças, se falará de uma *différance*, que será tema não de uma Semiologia, mas de uma Gramatologia, que coloca, sempre, em posição de gerador o significante—ou nem mesmo isso, mas o *rastro* (trace em francês—numa cadeia discursiva cada “termo” traz em si o rastro de todo os outros termos que não são ele próprio) pois no puro jogo diferencial não há nem significado nem significantes que pudessem simplesmente diferir. É numa radicalização do tema da diferença, da diferencialidade, que se chega à *différance*, pois as próprias diferenças não podem “ser” no sentido clássico; elas “são” efeitos de diferença, e jogam (*jouent*) na língua, na fala, e também na relação entre uma e outra.

Différance diz, portanto, o jogo das diferenças, da diferencialidade, do puro diferir, enquanto espaçamento, temporização e relação à alteridade; *différance*; como produção (ativa e passiva) de diferenças e nomes / palavras, e assim *anterior* à todas as oposições conceituais da filosofia, justamente porque as *possibilita*.

Referências

- 1- DERRIDA, J. **De la Grammatologie**. Paris: Les Editions de Minuit; Collection «Critique». 2004.
- 2- DERRIDA, J. **La différence** in *Marges de la Philosophie*. Paris: Les Editions de Minuit; Collection «Critique». 2003.
- 3- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Colaboração: Albert Riedlinger. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo. Ed. Pensamento-Cultrix. 2003.
- 4- DERRIDA, J. **Grammatologie et Lingüistique** in *Positions*. Entretiens avec Henri Ronse, Julia Kristeva, Jean-Louis Hiudebina, Guy Scarpetta. Paris: Les Editions de Minuit; Collection «Critique». 2002.
- 5- DUQUE-ESTRADA, P. C. **Derrida e a Escritura** in *Às Margens: à propósito de Derrida* por DUQUE-ESTRADA, P. C Org. São Paulo. Ed. Loyola. 2002.
- 6- BENNINGTON, G. **Derridabase** in *Jacques Derrida* por G. BENNINGTON e DERRIDA, J. trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996
- 7- DUCROT, O & TODOROV, T. **Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage**. Paris. Éditions du Seuil. 1972